

**TROTE NA REPRESSÃO**

Como passamos a viver num estado de exceção após o golpe jurídico-parlamentar-midiático, conhecer os tempos da repressão na ditadura militar pode ter caráter educativo. Aqui na Franca, a repressão daqueles tempos difíceis e escuros dos anos 60/70 levou ao cárcere algumas pessoas de esquerda, identificadas com o Partido Comunista e com pequenos grupos políticos que radicalizaram, seguindo a linha da luta armada.

Uma das pessoas que simplesmente desapareceram na poeira da história foi o médico comunista Portugal Gouveia, que clinicava na Santa Casa local. Logo após o golpe militar, nos tumultuados primeiros dias de abril de 1964, Gouveia fugiu e sumiu. Uma notícia no jornal “Comércio da Franca” daqueles dias comprova que a repressão da ditadura estava na sua captura. A polícia arrombou sua casa dizendo ter encontrado “livros subversivos”, mas ele havia desaparecido. Nunca mais se soube dele.

Dia desses, conversando com um amigo sobre as agruras do presente temerário, escutei uma história que traz um pouco de humor a tempos sombrios. O pai dele era radialista e morava no próprio local onde se instalava o radiotransmissor da rádio Hertz. Um milico (que ainda está por aí, serviu ao Pistolinha nalgum dos seus desgovernos locais) estava encarregado de vigiá-lo, pois além de locutor de rádio, era parente de dois presos políticos, o que o tornava suspeito de “subversão” aos olhos da ditadura.

O programa dele terminava à meia-noite na emissora, no centro da cidade, quando ele pegava seu velho Ford 35 para subir a rua do viaduto e chegar a sua casa, na antiga sede da rádio Hertz (o prédio ainda existe, faz parte do clube Amazonas). Para perturbá-lo, o milico armava uma campana diariamente quando ele retornava para casa. Parava o carro, revistava tudo e depois o deixava seguir, obviamente sem nada encontrar. Isso foi uma semana inteira, a mesma coisa. O pai do meu amigo resolveu pregar-lhe uma peça.

No dia seguinte, logo após terminar a revista, virou-se para os policiais que acompanhavam o milico e pediu ajuda: “o Ford 35 é muito antigo, o motor esfriou e não está ligando, vocês tem que ajudar a empurrá-lo”. Sem jeito, os caras empurraram o carro até o prédio da MSM, pelo menos uns três quarteirões de muita subida com grande esforço e suor. Na noite seguinte, não havia mais patrulha para revista.

Aliás, a história dele me lembrou outra, que vivi em Ibiraci, quando fiz um trabalho de extensão universitária pela UEMG, onde lecionava. Viajava para lá duas vezes por semana, na terça e na sexta-feira. Toda sexta, a polícia militar fazia uma inspeção e parava os veículos para fiscalizar. Na quarta vez seguida que me pararam, chamei o sargento que comandava a operação e pedi explicação: se faziam aquilo sempre no mesmo local, no mesmo dia da semana e no mesmo horário, será que os bandidos não saberiam como evitar a revista?

Acho que funcionou. Na semana seguinte, eles não estavam mais lá.

Mauro Ferreira é arquiteto

